



Marco Polo Guimarãesⁱ

MORTE NO CANAL

sobre o espelho baço meio vô
mito ralo meio água rasa olhos
regalados dentes enfezados as ca
veiras curiosas entre árvores

sob a cortina de plástico baça
meio mal visto o corpo do moto
queiro virado perna de pelos branca
misa azul de malha quatro balas

se mistura com o azul pálido ar de
onde sai a mão dura nítida meio
curva em garra (agarra o freio de mão?)
agarranha as possibilidades do?

atrás no outro ângulo a roda tras
eira da máquina dura onde se im
punha o pulso a velocidade a velo
cidade não para a cidade não nem

ninguém viu nada nem diz não

TERCEIRA BEIRA

Isso que te fere
Isso que te vara
É a verdade na vera
É a garra da tua própria fera
Escondida debaixo do sofá da sala

Isso que te varre
Isso que te vira
É a vontade da fúria
É o ouriço guardado na caixa
De vidro que esqueceste na maré baixa

Isso que te persegue pela madrugada
Essas sombras que ziguezagueiam na vista
Essa pista de fuga e partida, esse estrondo
É o som que escutas batendo em tua porta fechada

Isso que revolve a tua pasmaceira
Isso que te pesa na parte esquerda da face
Isso que se entranha em teu gesto e maneira
É a terceira beira do rio que não atravessaste

PROPOSTA

Vamos pois tu e eu tecermos uma prosa
com o que há dentro de nós
e o que há dentro da vida
- embora tenha pouca valia

: valem mais o parafuso rubro,
a renda de ouro fino, o zepelim
de aço fosco, o leve esmalte
da seda sobre a pele da urtiga;

mesmo assim vamos tecer com palavras
uma corda bem tecida;
não pode ser de todo inútil
o que se faz de forma precisa.

CANÇÃO FÚNEBRE

Meus amigos estão se suicidando;
sem avisos prévios
nem bilhetes póstumos.

Ouçõ ao longe o choro das mulheres;
todas consoláveis.

Meus amigos estão se suicidando
com tiro e gilete,
salto e desastre.

(Os pandeiros de Lorca já não me alegram
nem os tigres de absinto me ferem.)

Meus amigos estão todos partindo;
barcas negras.

Continuo pregado no deserto.

RECIFE AO MEIO-DIA

Para Francisco Espinhara

Ouço o som do meio-dia dessa cidade de luz diluída pela sombra que o mormaço de março traz.

É o som de uma cidade perdida de si mesma, antiga antes do tempo, cidade finda, cidade túmulo, tumba, esquife, ruínas.

É um som que pesa e pende e tomba no fundo do poço da alma, deixando o sujeito, por um instante, sem fala, meio de lado, falso.

Mas não cala, esse som do meio desta cidade de dia claro e fino feito vidro, mesmo quando esconde a noite na curva de cada esquina.

Mas é também um som no qual há uma falha, fenda, hiato, boca banguela, oco por onde passa um vento frio assoviando ausência.

Mas é também um grito de silêncio atravessando o barulho da rua e do rio.

SEM TÍTULO

cintilar no verbo ser
mil limalhas da memória
todo verso deve ter
pouco texto e muita estória

TOLSTOI

Tolstoi em seu leito de morte:
um velho magro, de ossada forte.
Diziam que era feio. Não acho.
Tinha uma beleza áspera de bicho macho.
O rosto parece, ao mesmo tempo,
consciente do fora, olhando pra dentro.
Parece também, lado a lado,
bem cansado e muito descansado.
A grande mão, a que escreveu
os mistérios da vida, o meu e o teu,
está toscamente pousada no peito,
branca, em destaque contra o preto
da camisa camponesa cristã,
de um cristo vero e puro, sem religião.
O homem que se colocou, ágil,
dentro do coração de uma mulher frágil,
é um cadáver simples, mas nos traz
a morte como, após uma guerra, a paz.

VÔLEI

Jaqueline é uma fera -
tem garra, presa, pressão,
força, pata, bote, gosto de
sangue inimigo, músculo,
nervo impecável, precisão.

Jaqueline é uma feroz -
tem pele, pêlos, faro, olhos
que visam o âmago da fruta;
traz a elegância do monstro
e o coração do anjo turvo.

Jaqueline é uma seta -
tem o corpo longo e marrom
da cobra noturna, e na nádega
a curva do peixe que salta
para o alto da cascata.

Jaqueline é uma faca -
rasgando em voo de pássara
o azul da quadra, cortando
obliquamente a água clara
do meu olho - agora! - mágico.

ANGEL

dormes ao meu lado como uma borboleta
vertebrada as asas retidas ao longo do corpo
louro
dormes ao meu lado como um peixe espada
flexível úmida de sal e neblina
dormes ao meu lado como um gato do mato no
alto de uma árvore escura
dormes ao meu lado como o caroço de uma
fruta ainda verde ainda amarga ainda sede ainda
ainda

NOTURNO ÁRABE

Se a nádega clara sobre a seda escura
retém um tom de rosa. Se a penugem da coxa
doura a pele. Se a carne rosa e fina
da virilha guarda um perfume quente.

Se a cova da clavícula detém o sal
do suor. Se a onda dos pêlos reluz
seu sol negro. Se o dente branco rasga
a polpa da canela. Se o perfume quente

umedece as coxas duras da menina.
Se a nádega clara treme ao toque da língua.
Se o suor escorre pela espinha fina

onde os pêlos. Se a virilha rosa.
Se a ponta dos peitos brilha como estrela.
Se a noite se move sob o corpo alvo.

ⁱ **Marco Polo GUIMARÃES** nasceu no Recife. É jornalista, escritor e compositor. Publicou seis livros de poemas e dois de prosa. Em 2007 lançou a antologia *Sax Áspero* (Editora ÁguaForte do Brasil, Curitiba) e em 2011 a seleta *Oficina do Averso* (Fundação de Cultura Cidade do Recife). Gravou o disco *Ave Sangria* e tem músicas interpretadas por Ney Matogrosso, Elba Ramalho e outros. É superintendente de Produção Editorial da Companhia Editora de Pernambuco - Cepe.